

O Modelo Americano

According to the journal Selections – Reader’s Digest

Aurora Bernardini

University of São Paulo – Brazil

Abstract—According to the series about “Unforgettable Types” of the journal Selections, we detected certain characteristics of American

Keywords—Journal Selections; American behaviour

Italo Calvino abre seu livro de ensaios *Coleção de areia*³ com o escrito de 1976 “Como era novo o Novo Mundo”, antecipando as comemorações do Descobrimento da América e, ao mesmo tempo, constatando com certo tom nostálgico, ou quem sabe incerto entre passado e futuro: “nunca o novo corresponde à ideia que nós fazíamos dele”⁴. Mais ainda, reportando-se a um quadro que se encontra no Louvre, do pintor holandês do séc. XVIII, Franz Jansz Post, que marca o contato entre a pintura paisagista holandesa e natureza brasileira, diz Calvino: “Pelos quadros setecentescos do Brasil de Franz Post ainda perpassa o respiro ansioso da descoberta, a aflição do encontro com algo de indefinido, algo que não entra em nossas expectativas. A primeira observação sugerida pela exposição do Grand Palais⁵ é que o “Velho Mundo colhe com mais força as imagens do Novo quando ainda não sabe do que se trata, quando as informações são raras e parciais, e só a custo se consegue separar a realidade dos erros e das fantasias”. (Grifos nossos)

A imagem que se faz do novo mundo e o fato de esta observação coincidir com a convicção mais abrangente de Calvino de que a memória *atualizada* é menos forte que a memória imaginada, reiterada em seus livros de crítica⁶, nos leva imediatamente a outra obra de ensaios, dessa vez de Umberto Eco, Gian Paolo Ceserani e Beniamino Placido: *A redescoberta da América*⁷ que, dando um salto no tempo, se

aproxima da data de nosso objeto, o qual pretende caracterizar certa idéia que se fazia dos Estados Unidos da América do Norte entre os anos 40 e 50, em particular no Brasil, via leitura das edições desse período da então popularíssima revista *Seleções*⁸.

“Começamos pelos romances.” Diz-nos no seu ensaio *A invenção da América* Beniamino Placido, que além de produtor de programas culturais para a TV italiana é colaborador do mais prestigioso jornal da península, *La Repubblica*. “Esta é uma história que deveras todos conhecem. Os que a viveram, porque a viveram, os que não a viveram, porque ouviram-na contar mais de mil vezes, pelos pais, pelos professores, pelos colegas: a história dos romances de Steinbeck e de Caldwell (e nós acrescentaríamos outros, como os de A. J. Cronin, Pearl S. Buck etc., cujos textos serão vistos a seguir) – que agora nos parecem mediocrezinhos, mas que então nos apareciam belíssimos, ou ao menos importantíssimos (.).”.

Ao perguntar a um conhecido não particularmente refinado, nem particularmente versado em literatura o porquê desse interesse tão grande nos anos cinqüenta por romances e romancistas que, convenhamos, um pouco medíocres eram mesmo, Placido ouviu a seguinte resposta: “O senhor se lembra de como começava *As Vinhas da Ira* de Steinbeck?” [este era o nome do romance mais famoso do escritor americano]. E o interlocutor de Placido continuava: “Pois fique o senhor sabendo que na literatura italiana daquela época não havia caminhões. Se um ou outro teimava em aparecer, jamais se falava em cano de escapamento. Se algum

³ *Collezione di sabbia* – Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1990. Existe a tradução (*Coleção de areia*) pela Companhia das Letras., São Paulo, 2010

⁴ “diverso da tutto ciò che si era sempre aspettati di trovare come nuovo” p. 15, *op. cit.*

⁵ *op. cit.* p. 21. Calvino escreve este ensaio sob o impacto da exposição *A América vista pela Europa*, organizada no Grand Palais de Paris, em 1976. Existe a tradução (*O caminho de San Giovanni*) pela Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

⁶ Temos em mente aqui, entre outros, particularmente, *Una pietra sopra* – Einaudi, 1980 e *La strada di S. Giovanni*, Einaudi, 1990. Existe a tradução do primeiro (*Assunto encerrado*) pela Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

⁷ Laterza, Bari, 1984. Os textos de Eco, Ceserani e Placido são respectivamente os seguintes: *O modelo americano*; *Uma América marcada “target”* e *A invenção da América*.

⁸ Valemo-nos aqui de uma coleção da referida publicação, gentilmente cedida para a nossa pesquisa pelo colecionador Iuri Lútski, que abrange o período de 1941 a 1951, onde focalizamos a série denominada *Meu tipo inesquecível*. (*Vide Apêndice*). Após o início da década de 60 o interesse pela revista declinou no Brasil (embora muito mais reduzida em número de páginas, ela continua existindo ainda hoje). A consciência nacionalista daqueles anos repudiava em *Seleções* os artigos políticos ideologicamente marcados, mas isso coincidiu com uma mudança na política cultural exterior americana que repercutiu em *Seleções* e levou, entre outras coisas, ao fechamento para o público em geral da Biblioteca do U.S.I.S., que em São Paulo tivera sede primeiro no Largo S. Francisco e depois no Conjunto Nacional.

cano de escapamento havia, nunca era para se dizer que soltava fumaça”⁹.

Plácido foi conferir no livro, publicado pela primeira vez em tradução italiana pela Bompiani, em 1941, e lá encontrou: “Um enorme caminhão vermelho tinha parado diante da venda de secos e molhados, em pleno campo. O cano de escapamento resmungava em surdina, soltando um véu quase invisível de fumaça azulada. Era um caminhão novo em folha e a tinta vermelha brilhava ao sol, e nas laterais trazia escrito em letras garrafais OKLAHOMA CITY TRANSPORT CENTER”. Vermelho, interpreta Plácido, é o contrário de negro, o negro do Fascismo, que em 41 ainda persistia na Itália. Bebida, comida, cano de escapamento e fumaça. Todas coisas das quais não se falava, no Fascismo. Mas ali estamos em Oklahoma, e estamos no meio de coisas concretas, sentimos o cheiro de cavalos, de feno, de pólvora, de tiros, do oeste e finalmente de liberdade.

Mas isso abrirá o caminho para o cinema, considerado na época como uma espécie de “literatura popular” e para a propaganda “centrada no produto”, explica Ceserani – um dos mais importantes publicitários italianos – e que se verá mais adiante.

I – O modelo americano de *Meu tipo inesquecível*

Dito isso, vejamos as leituras que nos propusemos fazer dos textos dos escritores que aparecem em *Seleções*, como autores da seção *Meu tipo inesquecível*, textos esses, conforme se sabe, “condensados” como *Reader’s Digests*, e por nós pesquisados numa coleção da revista, cujos números vão de 1942 a 1951.

De cada texto será apresentada a “recondensação”, mas serão citadas literalmente certas passagens (grifadas), com características lingüísticas e de conteúdo que as fazem confluir para a criação de certa “imagem” propiciada pela revista, que será analisada em seguida segundo dois tipos de leitura: 1. *ingênua* ou literal (dada pela leitura “ao pé da letra” da citação em si) e 2. *não ingênua* ou crítica, segundo a denominação de Beniamino Plácido, na obra citada,

⁹ A simplicidade, a “materialidade”, a concretude, totalmente ausentes no fragmentarismo e no hermetismo de então, na Itália, eram particularmente valorizadas pelos leitores. A respeito deste romance, Plácido lembra uma paródia que saiu publicada num jornal humorístico da época, - não recorda se *Bertoldo* ou *Travaso*: Em Oklahoma ou por ali diz o pai camponês ao filho: “Você levou a vaca ao touro?”. “Levei, sim senhor”. “E você fez tudo direito?” “Fiz, sim senhor, mas pior do que teria feito o touro”; “Em sua despudorada aproximação” – comenta Plácido – “essa paródia grosseira revela, porém, a carnalidade, a fisicalidade plena, por vezes grotesca, por vezes doída, que se lia no romance americano”. No texto de Steinbeck relacionado no apêndice (Dez. 49: *O pai*) podem se assinalar alguns trechos, também significativos nesse sentido.

ou *atualizada*, entre passado e futuro, conforme a caracterização já mencionada de Italo Calvino.

Embora os textos de *Meu tipo inesquecível*, mesmo os de escritores, não possuam valor artístico tão somente pelo fato de, originariamente, já serem “condensações” e sua tradução não ser “literária”, mas de certa forma estandardizada (*et pour cause* não será feita nenhuma análise formal), o intuito muitas vezes formativo-propagandístico da revista torna bastante conspícua a imagem que procuramos configurar, composta por uma série de características que serão ressaltadas.

1. “O homem comum e a desigualdade entre os homens”:

Dezembro, 1949

O pai por John Steinbeck

“Tinha sete anos e era muito orgulhoso – o que quer que isso signifique. Os cabelos cresciam-lhe espetados para a frente, como topete de pônei, e quando ele estava cansado, um dos olhos se desviava um nadinha – menos, porém, do que há um ano.

Passara o tempo em que tinha de subir para seu quarto, sentindo a opressão de um ambiente que o magoava.

(.) Em casa agora estava bem. Na rua é que se sentia mal. Os garotos tinham começado onde o horror da casa acabara.

(.) quando Alvin dobrava a esquina, a dois quarteirões de distância, podia pressenti-lo, e um calafrio lhe arrepiava a pele. Alvin não dizia nada. Nenhum dos garotos dizia coisa alguma; mas *aquilo* estava em seus olhos, no olhar com que miravam, olhar que o mortificava com uma *pungente sensação de vergonha culposa. A princípio fugira e evitara a companhia dos outros; mas nem sempre era possível fugir, e ademais, sentia-se muito só.*

(.) *Estava ele, aquele dia, sentado como de costume na saliência do rodapé da fachada a ver os táxis e a meninada, os velocípedes e os carrinhos de bebê, as amas e os garotos maiores atirando bolas de tênis uns nos outros, de um lado para o outro da rua, por cima do tráfego. Súbito, um dele – Alvin ou qualquer outro, não importa qual – gritou: “Onde está seu pai?”*

O que devia ter respondido era: “Está viajando”. Mas não o fez. A pergunta atingiu-o como um soco na boca do estômago. Pelo menos foi assim que a sentiu. Sabia que aquilo era pura crueldade. Os garotos não queriam perguntar; queriam era dizer aquilo, para humilhá-lo e feri-lo. Esta era a intenção.

Era verdade, sim que seu pai estivera fora de casa, viajando centenas de vezes – mas não desta vez. Sabia disso, e subitamente compreendeu que todos eles também sabiam. (.) Apanhado de surpresa, mentiu: “Meu pai está em casa”.

(.) Um dos meninos mais crescidos interrompeu, por um instante, o gesto de lançar a bola de tênis do outro lado da rua e disse:

“Está maluco. Eles estão divorciados”.

(.) *E a coisa horrível continuava ali, estagnada, apodrecendo dentro dele. Quando só, podia esquecê-la; mas não quando os garotos olhavam para ele, nem quando desviavam o olhar.*

(.) *Naquele dia, sentou-se na saliência do rodapé da fachada e pôs-se a bater no chão com os saltos, daquele jeito que estraga os sapatos, coisa que não se deve fazer. Ficou a olhar para os táxis que passavam.*

(.) De repente uma sensação esquisita – uma sensação estranha, explosiva, no peito. Algo apenas pressentido havia causado isso. Olhou rápido para a direita e era verdade. O pai tinha dobrado a esquina e caminhava apressado para ele, a gingar, como era seu jeito.

(.) *“Ele está aqui! Vocês querem vê-lo?”*

Leitura 1.

A minúcia, a “terrestridade”, a cotidianidade que havia (justamente) encontrado em *As vinhas da ira* o interlocutor de Plácido, são visíveis aqui (em lugar do caminhão, aparece o táxi como abertura e como fecho do conto). Mas também é visível uma característica que se insere como um dos primeiros “tíjolos” da “tradição americana” (não por nada os portadores desse anseio são meninos, neste e no último (de Sherwood Anderson, q.v) dos contos relacionados: *o não querer ser diferente dos demais; o desejar ser um homem comum*).

Isso, por sinal, coincide com o “desafio sobre o qual se edificou a América” (Plácido: 101): o respeito pelo homem comum. Em literatura, entre os primeiros, temos Walt Whitman (cf. Apêndice: setembro, 1943), que lhe teceu loas no seu clássico *Leaves of Grass*¹⁰.

Leitura 2.

Hoje, recorrendo ainda ao texto de Plácido, sabemos que esse anseio por ser um “homem comum” não é tão comum assim. Ou melhor, o que diferencia basicamente os homens, segundo o ilustre Alexis Tocqueville (*A Democracia na América*)¹¹ é o

¹⁰ Francis Otto Matthiesen em seu *Renascimento Americano* (apud Plácido: 113), reconstituindo o período americano entre 1850 e 1855, situa Whitman ao lado de Melville, Hawthorne, Emerson, e Thoreau, como um dos autores de uma das cinco obras primas que estruturaram a literatura americana.

¹¹ Aqui está o trecho original da obra de Tocqueville escrita em 4 volumes, entre 1835-40, e citada por Plácido: “Les hommes qui vivent dans les temps démocratiques ont beaucoup de passions; mais la plupart des leurs passions aboutissent à l’amour des richesses ou en sortent. Cela ne vient pas de ce que leurs âmes soient plus petites, mais de ce que l’importance de l’argent est alors réellement plus grande.

seguinte: Numa sociedade de tipo tradicional, hierárquica, aristocrática, o dinheiro pode ter uma importância relativa. A distinção é feita pela ocupação e desempenho de certo papel. Numa sociedade menos aristocrática, mais igualitária, em que os papéis são mais fluidos, o dinheiro adquire maior importância, pelo fato de ser o único, ou quase o único, instrumento de diferenciação. O anseio americano (não só americano, mas isso não vem ao caso agora) é, portanto, o de se conseguir cada vez mais dinheiro, com tudo o que isso implica.

Ceserani vai mais longe. “O que fazer” – ele diz – “com uma cultura que propõe como algo absolutamente indiscutível a *massificação*, quando você, e de uma maneira absolutamente indiscutível, vê, ao invés, nela atuando a *fragmentação*?”. Quem já se apercebera disso – continua explicando Ceserani – fora, primeiramente (e por muitíssimo tempo, unicamente) ninguém menos que Charles Fourier. Tinha ele descoberto que a sociedade comercial -- como sempre foi desde o seu começo a sociedade americana -- propunha como programa institucional justamente a subdivisão, a atomização do corpo social. Foi esta a crítica fundamental ao nascente industrialismo. Fourier caracterizava essa sociedade como fundada justamente sobre “desigualdades” e sua “harmonia universal” estava perfeitamente em sintonia com a filosofia do *marketing* que a América nos legou. O que faz, realmente, o homem-marketing? Ele deve propor um produto a uma sociedade que, nos tempos de Fourier como nos nossos, é uma sociedade de desiguais. Como ele não pode propor seu produto como *unicum*, ele aposta nas motivações que dará aos consumidores, para que o acolham.

Veremos com mais detalhes o funcionamento deste mecanismo no relato de *Meu tipo inesquecível* de A. J. Cronin.

2.Três características em quatro relatos: a procura da fórmula, o papel dos “formadores de espírito”, o “segredo” da existência:

Agosto, 1945

Jacques D. por Jules Romain

“Conheci Jacques D. pela primeira vez em 1931, na casa de um amigo comum em Paris, onde travei com ele longas e íntimas conversas. Mas foi só depois de sua morte, em 1936, que vim a conhecer toda a história daquela extraordinária vocação.

Jacques era proprietário de uma série de lojas de armarinhos. Vivia só, com três criados, contando com

[...] Le prestige qui s’attachait aux choses anciennes ayant disparu, la naissance, l’état, la profession ne distinguent plus les hommes ou les distinguent à peine [...]. Chez les peuples aristocratiques, l’argent ne mène qu’à quelques points seulement de la vaste circonférence des désirs; dans les démocraties, il semble qu’il conduise à tous.”

uma renda de cerca de um milhão de francos por mês.

Filho de pais pobres, trabalhara numa pequena loja, onde tinha a seu cargo os balcões da calçada. Durante aquele tempo sofreu uma experiência que influenciou profundamente suas idéias sobre a vida e a humanidade e motivou os atos surpreendentes que ele, por modéstia, não queria que chamassem de boas ações.

(.) Num dia de muito frio, Jacques, que tinha então quinze anos, tremia da cabeça aos pés, à porta do armário, vestido apenas com uma roupa leve e surrada, e trazendo em torno ao pescoço uma echarpe de fazenda muito fina. De repente, um homem bem-vestido parou, examinou-o atentamente e, segundos depois, entrou na loja. Ao sair, entregou a Jacques um capote quente e um boné de pele, dizendo-lhe simplesmente: “São para você. É um presente. Vista logo e não peça explicações. Estou fazendo isso para meu próprio prazer. Adeus, meu caro”. E afastou-se depressa.

O incidente impressionou profundamente Jacques. “Aquele homem fez-me ver”, disse-me um dia, “que qualidade rara é a bondade inteiramente desprendida, que nada pede em recompensa. Além disso, tive a impressão de que ele me havia confiado alguma fórmula secreta que só dependia de mim aplicar ou não, à minha própria vida.”

A fórmula secreta de Jacques era a seguinte: “Tentar proporcionar a estranhos uma das maiores alegrias que eles jamais sentiram.”

Junho, 1942

-Uma lição de Rodin- por **Stefan Zweig**
(Condensado da revista “Catholic World”)

Teria eu meus 25 anos quando estudava e escrevia em Paris. Já tinha certo renome como escritor, mas não era capaz de determinar em que consistia meu ponto fraco. Conheci então Rodin e recebi dele uma dessas lições que marcam uma mudança de atitude para o resto de nossas vidas. Estávamos conversando na casa de Verhaeren e o famoso escritor belga lamentava a decadência das artes plásticas. “Por acaso o *Penseur* ou o *Balzac* de Rodin”, - disse eu - “não estão destinados a durar tanto quanto o mármore que os modelou?”. A conversa prosseguiu e Verhaeren, tocado por minha veemência, resolveu me apresentar ao mestre. Na presença dele não consegui articular palavra. Mas como os grandes homens são sempre os mais bondosos, Rodin, vendo-me sem jeito, acabou por convidar-me a almoçar com ele em Meudon. Fomos visitar seu ateliê e a um certo momento, tirando o pano que cobria seu último trabalho em curso, começou a retocá-lo, esquecendo-se completamente de mim. Sua ação durou meia hora, uma hora. Não me dirigia palavra. Ao sair deu comigo e olhou-me surpreendido. –Desculpe-me, tinha-o esquecido completamente. O senhor compreende.

(.) Foi nesse momento que compreendi o segredo de toda arte e de todo êxito: a concentração; a mobilização das forças totais do indivíduo para o cumprimento de sua missão, pequena ou grande que seja; a capacidade de fixar sobre uma só coisa determinada a sua vontade, tantas vezes dispersa ou mal utilizada.

Julho, 1942

Alain escolheu o caminho mais longo por **André Maurois**

Professor, filósofo, ensaísta, Émile Chartier (Alain) foi, acima de tudo, um **formador de espíritos**.

“Era eu um adolescente quando o conheci. Já lá vão quase 40 anos e, no entanto, minha admiração pelo seu gênio e pelo seu caráter mantém-se inalterável.

Em 1991 éramos estudantes no Liceu de Rouão e os alunos mais velhos nos haviam falado desse professor de Filosofia ainda novo, cuja imaginação vivaz tornava as aulas bem diferentes das demais. Ficou durante instantes a olhar-nos, sem dizer palavra; depois, tomando nos dedos um pedaço de giz, traçou no quadro estas citações de Platão: “*Busquemos a verdade com toda a nossa alma*” e “*Escolhamos sempre o caminho mais longo*”. (.) *Tinha firmes pontos de vista pessoais sobre a educação da mocidade. Pensava que o trabalho deve ser trabalho e não folguedo; que a melhor das lições consiste em resolver um problema; que só os grandes labores podem tornar grandes as almas.* (.) *Só os parvos se crêem originais – declarava ele – quando menosprezam as idéias das gerações que os precederam. A verdadeira originalidade consiste em bem tornejar lugares-comuns.*

Quando terminei meu curso no Liceu de Ruão, pretendia fixar-me em Paris para lançar-me à carreira de escritor. Porém, meu pai insistiu para que eu desse entrada na sua fábrica, instalada na Normandia. Com grande surpresa minha, Alain [com quem fora me aconselhar], concordou: “*Se o senhor começa como escritor, nunca aprenderá nada da vida e dos homens. Dará entrada na existência irreal da minoria intelectual dos cafés e salões de Paris. Não foi isso que fizeram os melhores romancistas: Balzac foi empregado num tabelião, Dickens e Kipling foram repórteres, Stendhal e Tolstói foram militares e Conrad, marinheiro. Se o senhor entrar para uma fábrica, ficará conhecendo patrões, operários, o trabalho duro. Viverá, numa palavra. Só depois de termos vivido, temos o direito de pintar a vida*”.

Janeiro, 1947

Madame Hsiung por **Pearl S. Buck**

“Moramos em Nanquim durante 17 anos, ao lado da casa em que residia Madame Hsiung, as duas casas separadas por um muro. Do nosso lado havia a casa, um jardim, e nossa família que compunha-se de quatro pessoas. A residência dela era de um andar

com cinqüenta quartos divididos de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro, numa série de pátios ligados um ao outro por corredores. E pertenciam todos a uma só família – a de Madame Hsiung – 72 criaturas ao todo. (.) Nossa amizade surgiu de um ramalhete de rosas do nosso jardim, que lhe oferecera. Descobri que tinha especial predileção não pelas rosas, que considerava um tanto vulgares, mas pelo jasmin do Cabo. No jardim de nossa casa havia vários pés dessa planta. Levei-lhe alguns ramos. Graças a ela aprendi que essas flores devem ser colhidas de madrugada, ainda frescas de orvalho. – Com o sol, o perfume perde sua suavidade, explicou-me docemente. É preciso colhê-las de madrugada e oferecê-las imediatamente. – Mas minha senhora, protestei – a tais horas hei de encontrá-la dormindo. – Experimente, foi a resposta. (.)

Aos poucos vim a conhecer a família que ela chefiava, exercendo, como exercia, autoridade absoluta na casa. (.) Madame Hsiung teria sido capaz de governar o país. Sentada no seu canto, *lia e relia os livros que lhes destilavam no espírito a sabedoria dos antigos, dirigindo, ao mesmo tempo, a casa e a imensa família do primeiro ao último.* (.) Não ensinara as filhas a ler. – E por que não, madame? Perguntei-lhe um dia – *Saber ler não torna as mulheres mais felizes*, foi sua resposta um tanto evasiva. (.) Madame Hsiung nunca repreendia, mas agia inexoravelmente. (.) Tudo o que fazia era no interesse de outra pessoa, e não em seu próprio benefício. Para com um amigo, uma criança, ou um desconhecido, seu espírito de justiça era sempre o mesmo. *A justiça pode ser rápida e fria, mesmo sendo perfeita; mas a de Madame Hsiung nada tinha de fria.* (.)

- Madame, a senhora gosta mais de seus filhos que das filhas, não é? Ou melhor, prefere os homens às mulheres?

Ela acolheu a pergunta, como de costume, com alguns minutos de silêncio, e depois respondeu: - É verdade que às vezes sou impaciente com as mulheres. Mas não é verdade que não goste delas.

- E por que motivo é impaciente conosco? Insisti.

- As mulheres têm grande poder, respondeu simplesmente (.)

- A senhora disse que as mulheres têm grande poder? Perguntei novamente naquele dia.

- Têm, respondeu. – O maior poder que existe sob os céus.

- Qual? Persisti.

- O poder sobre a vida, respondeu.

Leitura 1

Estes quatro relatos têm aparentemente em comum três características básicas que vieram a inserir-se na imagem que formamos do *Modelo americano*. A saber: I – a procura de fórmulas de

comportamento (do tipo): “assim na casa como no estado”, (*Mme. Hsiung*) “assim na escola como na vida” (*Alain*), “assim no pequeno como no grande”, “assim agora como para o resto de nossas vidas” (*Rodin*); “assim como fizeram comigo, farei com os outros” (*Jacques D.*) II – a importância dada aos “Formadores de espírito” (Os quatro nomes-títulos); III – A fascinação por um “segredo” da existência ou uma “síntese” que encerre os ensinamentos dos formadores e sirva de modelo para os interlocutores (e leitores). (Todos eles).

Leitura 2

A fórmula está inserida visceralmente no *Modelo americano* que procura acompanhar o indivíduo do berço ao túmulo – exemplifica Umberto Eco (Eco: 28) -, na organização de sua viagem, de sua mudança, de sua casa, de seu enterro. Só que essa tendência-mãe que Eco chama de *tudo-ou-nada* ou *pegue-ou-largue*, remontando à “grande e terrível, útil e revolucionária invenção da linha de montagem, onde não há espaço para o *bricolage* (.) força e fraqueza da América e força e fraqueza de nosso futuro desenvolvimento (a *serialização*.)”, vem indissolúvelmente ligada à sua antífrase “só-uma-parte-por-vez” ou seja, a especialização extremada.

Tem-se dito que a coexistência de contrários é marca de nossa época pós-moderna. Pode ser que hoje ela seja mais conspícua, mas este caráter difusamente antitético já é visível acompanhando as formulações de grande parte dos relatos apresentados. “*Devemos escolher sempre o caminho mais longo*” – diz Alain, citando Platão. No entanto, logo adiante acrescenta “*a melhor das lições consiste em resolver um problema*. Ora, em nossa civilização a resolução do problema costuma exigir que se vá direto ao ponto. Da mesma forma, a frase “*só os grandes labores podem tornar grandes as almas*” contrapõe-se, de certa forma, à lição de Rodin. “a mobilização das forças totais do indivíduo, para o cumprimento de sua missão, pequena ou grande.” e Madame Hsiung, a encarnação do *espírito de justiça*, não quis que as filhas aprendessem a ler porque “*saber ler não torna as mulheres mais felizes*”.

3. O fenômeno do “marketing” e seu funcionamento:

Março, 1950

Olwen Davies por A. J. Cronin

Olwen Davies contava apenas 22 anos quando terminou o estágio no hospital e foi designada para o posto de enfermeira visitadora no distrito de Tregenny, rústica comunidade mineira encravada numa montanha do País de Gales. O quarto que lhe coube habitar, na única rua da vila, era frio e pobremente mobiliado. Os habitantes, extremamente retraídos e intimamente ligados por laços de parentesco, pareciam não gostar da presença da enfermeira.

Apesar da frieza com que fora recebida. Olwen entregou-se com entusiasmo à sua missão, caminhando a pé pelas trilhas ermas da montanha, sob as intempéries, para visitar os enfermos ou tratar dos poucos pacientes que recorriam à modesta clínica mantida pela Junta Rural de Saúde.

(.) Lá pelo fim do seu primeiro verão em Tregenny, sobreveio na localidade uma epidemia de escarlatina. (.) *Longe de se deixar desanimar, Olwen aceitou o desafio. Reuniu amostras de leite, de água de poço e de outros possíveis veículos da doença e levou-os ao laboratório da Saúde Pública de Cardiff. (.) A “intervenção indébita” suscitou imediatamente protestos gerais.*

(.) O foco da infecção fora identificado no leite da *Leiteria Morgan*.

(.) Assim que se restabeleceu de todo, Morgan pôs-se a falar abertamente na gratidão que devotava à enfermeira.

(.) No fim do ano um grande acontecimento teve lugar – uma comissão local, encabeçada por Idwal Morgan, presenteou a enfermeira *com uma sólida bicicleta, de três mudanças*.

(.) *Olwen tinha pequenas e inocentes fraquezas humanas. Gostava de um bom cigarro depois do café e, quando mais velha, do seu copo de cerveja preta. Apesar de não ser de inteligência brilhante, possuía uma reserva inestimável de bom senso, aliada a uma notável presença de espírito.*

(.) *Aquela velha bicicleta preta parecia realmente fazer parte integrante de Olwen Davies.*

(.) Na véspera de minha partida [surgira para mim uma excelente oportunidade em Londres] quando, melancolicamente, fui despedir-me dela, observei: - Dentro em pouco você dirá também adeus à bicicleta. Não precisará mais dela quando estiver à frente do hospital.

- Creio que continuarei precisando de minha velha bicicleta. Não serei eu a enfermeira-chefe.

- Que me diz!? -- Exclamei aturdido -- Depois de tudo o que fez pela comunidade? Mas se Morgan, o povo, todos querem que seja você!

- Talvez, disse ela suavemente.

- Mas o novo cirurgião quer trazer de Cardiff a sua enfermeira-chefe. Ela é muito competente, muito mais do que eu, e o posto lhe pertence.

- Impossível, balbuciei.

(.) Passaram-se alguns anos antes que eu voltasse a Tregenny. (.) De repente estaquei. Acabara de avistar Idwal Morgan, ainda robusto e forte parado diante de sua leiteria. Reconheceu-me imediatamente e apertou-me as mãos com efusão. Perguntei-lhe logo pela enfermeira Davies.

(.) – Não soube que a pedi em casamento? (.) Ela não quis, porém, aceitar. Presa demais ao trabalho. *Devotada, tão devotada ao seu trabalho.*

(.) Sentada numa cadeira de rodas, grisalha, meio curvada, antes magra do que velha, as pernas paralíticas envoltas num cobertor, *lá estava, sempre no seu uniforme, a enfermeira do distrito.*

Cercada de pacientes, *em sua maioria crianças*, às quais atendia alegremente, movia-se rápida, pela sala, em sua cadeira de rodas. Deixei-me ficar imóvel, num canto escuro. Quando o último paciente se retirou, corri pra ela e apertei-lhe as mãos – aquelas mãos gastas, tão capazes, que durante meio século haviam servido a humanidade sofredora.

- Enfermeira Davies. Olwen! Exclamei. – Como vai você?

- Bem. Como vê. continuo trabalhando. E, dando-me o seu mais luminoso sorriso:

- *Sempre sobre rodas.*

Leitura 1

O painel que nos apresenta este relato é sem dúvida rico em pinceladas de operosidade, abnegação e desprendimento. Ou, para citar o texto de 1947 de Cesare Pavese: “Um grande teatro, onde, com maior sinceridade que em outros lugares, é apresentado o drama de nós todos”.

Leitura 2

A instituição do marketing enquanto “filosofia concreta” de nossa existência (Ceserani: 73) fragmenta sempre mais a sociedade, a divide sempre mais, porque – de seu ponto de vista – *todos os comportamentos são aproveitáveis*. Claro está que a sociedade americana dos anos 40-50 era mais “massificada” que a de hoje. Isso se explica pelo fato de a multiplicidade de comportamentos, que sempre existiu, ter sido como que abafada por um tecido social que se exprimia em poucos modelos comportamentais validados.

Nossa sociedade (Ceserani: 72) escolheu como profeta Marx e não Fourier. A bizarra sociedade de Fourier propunha-se justamente a tarefa de mediar o processo de fragmentação implícito na moderna sociedade comercial. E de usar a diferenciação entre os homens como base de uma sociedade que a previsse. O que fizemos nós, ao contrário, com nossa sociedade baseada utopicamente na igualdade? Deixamos de entender a matriz do fenômeno em tempo útil, e como ele se implanta.

Nesse relato de Cronin observam-se privilegiadamente as etapas desse fenômeno: o assim chamado processo da marketização.

I – Olwen Davies é uma enfermeira não só competente e com boa prática de ser serviço (o produto que ela tem para oferecer), mas tem, além do sentido de responsabilidade, espírito de iniciativa, conforme se pode ver pelo incidente da escarlatina.

II – Ela acaba se integrando a contento na comunidade que primeiro a rejeitava (torna-se uma pessoa como as outras dessa comunidade. É associada à bicicleta preta que *parecia realmente fazer parte de sua personalidade*, emblema “fixado” de seu modelo comportamental).

III – Passam os anos. O novo mercado que se instala aos poucos na comunidade mineira é mais diferenciado que o antigo. Ao novo cirurgião, diferente do anterior, já não interessa, para o novo modelo de hospital, o produto tal como ela o representa. Para um cargo diferente (enfermeira-chefe do hospital) faz-se necessário um modelo comportamental diferente (*competência*) de uma enfermeira diferente.

IV- Mas para o marketing, (“filosofia concreta” da existência, não se esqueça) todos os comportamentos são bons: basta encontrar o nicho onde colocar Owen Davies e as motivações que convençam a ela (e ao leitor) da justeza dessa diferenciação. Quanto a ela, além de sua *suavidade* natural que lhe faz aceitar *tout court* que a outra profissional seja enfermeira mais competente do que ela, a vida se incumbe do resto: ela fica parálitica após um acidente.

Quanto ao leitor, é convenientemente insinuado que Owen Davies tinha lá suas fraquezas (*fumo e cerveja*) e não era tão inteligente assim. Owen Davies, que recusou o casamento com Morgan (compensação que a vida apressou-se em oferecer-lhe segundo fórmula “fecha-se a porta mas abre-se a janela”), inexplicavelmente (antiteticamente?), por estar “presa demais ao trabalho”, está feliz, no seu devido lugar: entre os paciente, (principalmente crianças, seu *público-alvo*) e – com a pitada de vulgaridade da qual se falará mais adiante – *sempre sobre rodas*.

4. Um inato toque de vulgaridade:

Fevereiro, 1944

Como se revelou meu pai por Sherwood Anderson

Pai e filho eram como estranhos – até que um dia se tornaram amigos.

Por muito que o não pareça, de todas as relações entre a espécie humana, nenhuma há mais imponderável do que a existente entre pai e filho. Sei-o por experiência própria.

Em via de regra o filho anseia para que em seu pai concorram qualidades acima do comum. Por outro lado ouve-se dizer que os pais aspiram a que seus filhos sejam o que os pais não podem ser, posso afirmar que a recíproca também é verdadeira.

Por mim, sei que, em rapaz, eu queria que meu Pai fosse aquilo que ele não era. Queria eu que fosse pessoa de grande compostura; que quando em companhia de outros rapazes, eu o visse passar ao longo da rua, me fosse possível apontá-lo com orgulho e dizer-lhes: - “Lá vai ele. Aquele é o meu

pai.”. Não quis o destino porém, que assim acontecesse.

(.) Se houvesse qualquer manifestação pública, como, por exemplo, uma parada no aniversário da independência da América, ou no Dia de Finados, lá estaria meu pai pela certa, à testa da função, feito Marechal, ou coisa que o valha, *escarranchado num bucéfalo branco alugado nalguma coudelaria. Nem um cavalo de brinquedo sabia montar! Perdia as estribeiras e caía sela abaixo, provocando gargalhada geral que em nada o perturbava. Parecia até gozar com a troça que dele faziam.*

(.) *Outras vezes acontecia estar já eu deitado, à noite, e ele chegar a casa, um pouco alegre da “pinga” e trazendo outros homens em sua companhia.*

Antes de ter falido (tivera uma loja de seleiro), no seu estabelecimento parava sempre uma quantidade de homens que não tinham que fazer. Meu pai faliu, claro está, por ter vendido quase tudo fiado. Não sabia recusar nada a ninguém, o que me exasperava. Cheguei a detestá-lo.

(.) *“Vocês conhecem o livro de memórias do General Grant? -- Continuava meu pai. -- Recordam-se de como ele declarou achar-se atacado por uma dor de cabeça? (.) “Ah! Ah! Ah! Ele estava comigo no bosque, tomando uma pinga!”*

Leitura 1

Poder-se-á notar que alguns dos escritores que escreveram sobre *Meu tipo inesquecível* não são americanos. É verdade, mas escreveram o que o público consumidor de *Seleções* queria ler. É esse público que encontrou neles seus formadores de opinião, sincera e singela e *autêntica*, como é sincera a atitude desse menino que não queria que o pai fosse considerado o palhaço do povoado e sentia-se mal quando isso acontecia.

Leitura 2

A “sinceridade” desses relatos é parecida, para os leitores de hoje, com a “sinceridade” que Ceserani encontrou no seriado *Dallas*, sinceridade esta, que para corresponder à expectativa do público-alvo (o *target* do título de seu ensaio cf. nota 5) deve, no dizer de Dwight Macdonald (Ceserani, 81) possuir “um inato toque de vulgaridade”. Admitamos que o pequeno herói de Sherwood Anderson estivesse realmente mortificado por ter um pai daquele jeito. Admitamos que, do ponto de vista psicanalítico, quisesse extravasar este misto de desgosto, raiva, violência e vingança em expressões que ferissem a imagem do pai, ou – conceda-se – o próprio pai. Admitamos que o narrador, como bom *medium* que algum escritor às vezes consegue ser, tivesse captado essa agressividade; mesmo assim – convenhamos – este homem “*escarranchado num bucéfalo branco alugado nalguma coudelaria, [que] parecia até gozar com a troça que deles faziam [e que dizia que estava no bosque com o general Grant] tomando uma pinga!*” mais do que “*tocado pela*

vulgaridade”, parece ter sido brutalizado pela escrita. Que vá por conta da tradução. Fiquemos com o toque vulgar, inclusive o da cadeira de rodas, grosseiramente equiparada à bicicleta, no final do relato da infeliz/feliz enfermeira Olwen Davies de Cronin.

Mas, e se os relatos de *Meu tipo inesquecível* não tivessem sido condensados, e, digamos, ao mesmo tempo os dos escritores, não tivessem perdido com a tradução, teriam valor artístico?

Respondamos com uma outra pergunta, proposta pela Estética contemporânea¹²: por acaso os relatos em questão modificaram quem os escreveu, modificaram o meio que os acolheu, modificam quem os lê? Se a resposta tender para a negativa não se poderá falar em arte enquanto experiência de vida autêntica. Ter-se-á tratado tão somente da escolha de textos adequados *ad usum* do *establishment*.

II – Repercussão do “modelo americano” no imaginário brasileiro

Em uma das *Cinco lições para o próximo milênio*¹³ de Ítalo Calvino (*Visibilidade*) conta seu primeiro contato com o *Novo Mundo*: a reminiscência infantil de seu encontro com os comics americanos: *Happy Hooligan*, *The Katzenjammer Kids*, *Felix the Cat*, *Maggie and Jiggs* que ele “lia” numa tradicional publicação italiana chamada “*Corriere dei Piccoli*”, sem ainda saber ler. Adivinhar ou mesmo inventar as historinhas para os *cartoons* foi para ele tamanha escola de fabulação, de estilização e de composição da imagem que, quando se tornou adulto, passou a incluir em sua poética, baseado nisso, o método que ele chamou de “iconologia fantástica”.

Já Umberto Eco, em *O modelo americano* (Eco: 14,15) imagina uma personagem fantástica, Roberto, nascido na Itália entre 1926/1931, e acompanha o desdobramento dos diferentes modelos por ele assimilados dos E.U.A., ao longo de sua vida. Primeiro contato, quanto aos *comics*: *Flash Gordon contra Ming* representa para ele o protótipo da luta contra a tirania, depois o *Máscara*, embora sendo colonialista, respeita as sábias tradições dos nativos Bandar, da floresta Bengala.

Já por volta do começo da década de 50, começa a influência do cinema, misturando-se à imagem dos *comics*. Gingers Rogers e Fred Astaire fundem-se em sua imaginação com Sam Spade, Ismael, Edward G. Robinson, Chaplin e Mandrake. Um “fio vermelho”

¹² São alguns dos requisitos da obra artística segundo G. Vattimo (*Ontologia e poesia*) e H. G. Gadamer (*Verdade e Método*).

¹³ *Six Memos For The Next Millenium* foi o título original que Calvino deixou para seu livro póstumo (Garzanti, 1988), do qual atingimos. No Brasil o livro foi editado pela Companhia das Letras em 1990 com o título de: *Seis propostas para o próximo milênio – Lições americanas*.

alinha Jimmy Durante ao Gary Cooper de *Por quem os sinos dobram*, ao James Cagney de *Ribalta de Glória* e à tripulação do Pecquod. “Por que será?” “Porque todas essas personagens eram pessoas felizes de viver” – responde Eco – “em contraposição com a celebração da morte que fizeram o Fascismo e a guerra”. O *tip-tap* opunha-se ao *passo de ganso*, o *jazz* representava para ele a descompressão total, o antiracismo.

Em meados da década de 50, depois de finda a guerra, encontramos Roberto simpatizando pela esquerda, respeitando Stalin, contrário à invasão da Coréia, contrário à intervenção da Rússia na Hungria, achando Truman fascista e Lil Abner, de Al Capp um herói de esquerda. Amou o cineasta russo Serguei Eisenstein, adorou Hammett e sentiu-se traído quando a assim chamada *hard-boiled novel* passou a ser dominada pelo macartista Spillane. Acreditou que o filme *Road to Zanzibar*, interpretado por Bin Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour, pudesse representar um socialismo possível, divulgou o *New Deal*, amou os *folk songs* e as *baladas* da tradição anarquista americana e, à noite, lia seu livro de cabeceira *On native grounds*, de Alfred Kazin

Com isso finda a década de 50.

O salto para outra geração, a dos fatos de 68, não pode deixar de ser sentido por Roberto, agora quarentão, mas é através dos modelos americanos que sua geração assimilou e que se transformaram em maneira de viver que ele os vê, agora. Os jovens de 68 são-lhe estranhos, mas Roberto os observa. Os Estados Unidos, enquanto potência capitalista e imperialista, são para eles inimigos que devem ser combatidos, tanto no Vietnã, quanto na América Latina. Por outro lado, o partido comunista da URSS traiu a Revolução. Os jovens de 68 não têm idéia do marxista americano dos anos 30, leitor da *Partisan Review* e participante das *brigadas Lincoln*, na guerra civil da Espanha. Eles não diferenciam muito Kennedy de Nixon, mas se identificam com Bob Dylan, Angela Davis, Joan Baez e o cadinho de raças que é para eles, a população da “América”. Já não lêem o *Gato Félix*, mas lêem todas as publicações de Crumbs. Amam Charlie Brown e John Cage.

No começo dos anos 90, Roberto vai para a Califórnia. A “América” não é mais para ele a imagem de uma renovação futura, mas é o lugar onde ele lambe as feridas de seu sonho acabado. A “América” não é mais uma ideologia alternativa: é o fim da ideologia.

Termina aqui o relato de Eco da “América” como mito e utopia dos muitos Robertos, seus contemporâneos (Eco também nasceu em 1932).

Embora os fatos que se deram nos E.U.A. sejam sempre os mesmos, sua interpretação muda conforme o país. Os fatos da década de 50 no Brasil, como se sabe, são bastante diferentes dos da mesma década na Itália, logo, a maneira de filtrar os que se deram nos E.U.A. pode ser bastante diferente, nos

dois países. Lá é o velho mundo e teve a guerra, aqui é o novo mundo, e a guerra nos tocou muito de leve. Só em 1944, por exemplo, quando a segunda guerra estava praticamente no fim, é que o primeiro contingente da FEB parte para a Itália. É verdade que a guerra ao Eixo fora declarada só em 1942, no Brasil, por Getúlio Vargas, após ter negociado com os Estados Unidos a criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Por sinal, *grosso modo*, o governo de Getúlio Vargas nessa década – primeiro como ditador e depois como presidente constitucionalmente eleito (10/11/37-24/9/50) – coloca-se, como que, sob a égide de duas grandes Comissões Americanas, que são instaladas no Brasil para firmar acordos entre os dois governos: a de 1939 e a de 1949, esta última chefiada por John Abbinck e por Otávio Gouveia de Bulhões, como diz Boris Fausto em sua *História do Brasil*¹⁴ “com o objetivo de analisar a economia brasileira e traçar novas diretrizes para o país”. Note-se também que só em 1952, dois anos antes da morte de Getúlio, é que ele impõe, por decreto, o limite de 10% para a remessa de lucros ao exterior. Isso indica que politicamente e comercialmente, no que se refere às relações com os E.U.A., a década de 50 foi das menos conturbadas de nossa história.

Esse tipo de relações – para chegar ao que nos interessa mais de perto – pode contribuir para explicar o grande sucesso de público que teve a revista *Seleções*, nessa época.

Nós também, como Beniamino Placido e Umberto Eco, procuramos um interlocutor, não imaginário, como no caso de “Roberto, mas escolhido entre os entrevistados de sua mesma faixa etária e lhe pedimos:

1) Que nos contasse o que de mais notável guardava do “modelo americano” por ele assimilado na década de 50 e suas adjacências, visto que, obviamente, as influências nunca terminam nem começam abruptamente.

2) Que enumerasse e comentasse algumas das lembranças mais incisivas da revista *Seleções* lida nessa mesma década e, em particular, de *Meu tipo inesquecível*.

Aqui está seu relato.

“Devo dizer que o primeiro impacto que eu recebi dos Estados Unidos foi através de sua música. O Jazz de Louis Armstrong, em primeiro lugar. Depois os *blues*, o *boogie-woogie* e as grandes orquestras a de *Les Elgart*, por exemplo. Lembro de duas músicas em particular. *When the Saints go marching* e *Just walking in the rain*. Ray Conniff veio depois, mas já era bem mais comercial. Sem contar a *Fantasia* de Walt Disney, que representou para mim a introdução à música clássica. Já que entramos na seara do cinema, lembro dos filmes musicais, Doris Day, Judy

Garland, *O mágico de Oz*, a Esther Williams, grande nadadora, e os filmes bíblicos de Cecil B. de Mille, Robert Taylor, Stewart Granger, Deborah Kerr, Jean Simmons, Debby Reynolds, Kirk Douglas, mas estes já são da década de 60. Antes deles os filmes do Zorro, do rei Ming, o malvado, o planeta Ming, Simbad, o marujo, os filmes de mocinho, de bang-bang, de Roy Rogers, Cassidy era um herói, na época. Ah, sim, June Allison, Jimmy Durante, Gregory Peck, Jane Wyman e os filmes do Jody! E os filmes que vieram dos quadrinhos? Jim das Selvas, Tarzan, o próprio Simbad, Nyoka, Capitão Marwell, Superman, Batman, Capitão Winslow. E os gibis? Mickey, Pato Donald, Zé Carioca, por quantos anos eu os li! Mas antes, Mutt & Jeff, Os sobrinhos do capitão. E mais tarde Crumbs, fiquei vidrado em Crumbs.

O que eu lembro muito eram os carros. As primeiras marcas americanas que apareceram por aqui: Nash, Hudson, Studebaker com a frente torpedo, a Kaiser & Frazer que fabricava a Aero Willis e que depois foi comprada pela Ford, os caminhões Mack Trucks, a Caterpillar, os Rolamentos Timken. Por sinal, de propagandas eu também lembro muitas, além dos jingles no rádio, diretamente da cultura americana que já eram tantos: brilhantina Glostora, Leite de Magnésia da Philips, Talco Johnson, sabonete Gessy, sabonete Palmolive, gilete Blue Blade, e melhoral – claro – é melhor e não faz mal! E sabe por que eu lembro? Aí é que está: justamente por causa de *Seleções*. Primeiro meu pai comprava, e eu lia. Depois eu mesmo comecei a comprar. Eu devorava aquilo. As propagandas eram ótimas. [Centradas no produto?] Instituto Monitor! Foi lá que peguei os dados para fazer o meu próprio rádio. Caneta Parker 51! Quem não queria uma? Relógios U.S. Time, Longines, Tissot, Medicamentos da Squibb, da DuPont, RCA Victor, a voz do dono! Swift do Brasil. E cigarros: Aspásia, Malboro, Continental, Lincoln, Minister, Lucky Strike. Agora nossas vendas dão mais lucro. Remington Rand! Máquina de escrever Underwood, cheguei a fazer curso de datilografia. Lembro até de alguns slogans: Kolynos, dentifrício número um! Sabão campeiro, limpa de fato! Creme de barbear Williams – contém suavizante de lanolina! E a Televisão Sylvania? Vinha dentro de uma caixona de madeira. A TV também tem sua história, mas isso para mim chegou mais tarde.

Seleções para mim era uma abertura para o mundo: De onde vieram os indígenas; Como foi a caça ao Bismark; A expedição do Kon-Tiki; A história da Fordlândia; A bomba atômica; quantos artigos! E quantos livros condensados! De Willy Durand, por exemplo, eram gostosos de ler. A visão era epicurista, passavam ao largo do trabalho. A filosofia era um pouco sentimentalóide, mas só descobri vinte anos depois. Quanto a *Meu tipo inesquecível*, eram todos edificantes. Em geral era enaltecida a figura do pai, já me sentia como futuro pai, lendo. Pearl S. Buck, era a mulher do embaixador americano na China, escrevia sobre as mulheres chinesas. Às vezes chocava –

¹⁴ Edusp – FDE, 1999.

lembro dela descrevendo cenas de violência japonesa: um estupro de uma chinesa num banheiro – mas os tipos inesquecíveis dela eram meio água com açúcar. Tinha Stefan Zweig, que veio a morrer em Petrópolis, que escreveu muitos, e Cronin, é claro. Minha irmã gostava das coisas dele, eu não muito.”